

# DEPOIMENTO

*José Mindlin\**

Ser convidado para falar sobre Machado de Assis, é como ser convidado a falar sobre o mundo. Dificilmente poderia ser imaginado, para esta noite, um assunto mais vasto. Com uma grande diferença, no entanto – sobre o mundo sempre é possível dizer alguma coisa de novo, ao passo que sobre Machado isso não é nada fácil. Tem-se a impressão de que tudo já foi dito, e sua fortuna crítica é imensa, embora ela surpreendentemente não pare de crescer. É verdade que são mais e mais estudos sobre sua obra, ou interpretações críticas, mas aparentemente sempre variações sobre o mesmo tema. E, no entanto, pesquisas como as de John Gledson, por exemplo, resultaram em verdadeiras descobertas de textos esquecidos ou inéditos, com valorização de suas crônicas, fonte, ao que parece, inesgotável de facetas novas do talento de nosso maior escritor. Mas pesquisa é uma coisa, e fazer uma palestra que não provoque o tédio ou o *déjà-vu* do auditório, é outra. Agradeço muito honrado o convite, mas vejo-me, pois, quase em frente de um presente de grego. Mesmo assim, é um grande prazer estar aqui.

Minhas leituras de Machado começaram na minha remota mocidade, e continuaram pela vida afora. Não passa ano em que não releia textos seus – seja um ou dois romances, seja alguns contos, ou algumas crônicas, em que o humor de Machado, geralmente sutil, ou se manifestando através da ironia, surge esfuziante, como por exemplo, em “Bons dias”. E estou certo de que essas releituras vão continuar enquanto a vida me permitir conservar minha lucidez. E de vez em quando também entra a poesia, que a meu ver não é o forte de Machado, mas que contém assim mesmo algumas das mais lindas poesias brasileiras. Existem também as traduções poéticas, como a do “O Corvo”, de que gosto particularmente pois conseguiu manter, com rara felicidade, o ritmo e a musicalidade do original. Cheguei a sabê-la de cor, e ainda hoje lembro boa parte dela – “Em certo dia, à hora, à hora” – não se assustem, que não vou declamar toda a parte que ainda sei. Mas não é só “O Corvo”, evidentemente. Bastaria o soneto “A Carolina” para consagrá-lo como poeta, tal como aconteceu a Arvers, com seu famoso soneto. Também o sei de cor, mas podem ficar tran-

---

\* Bibliófilo. Escritor.

qüilos, que não o vou declamar...

O curioso é que existem críticos que admiram mais sua poesia do que sua prosa. Quando comprei, já há bom tempo, a *Cassell's Encyclopédia of Literature*, edição de 1956, surpreendeu-me encontrar, no verbete sobre Machado, a referência a ele como sendo considerado um dos maiores poetas modernos da língua portuguesa. Dizia ainda o verbete que havia também escrito alguns romances, enumerando dez obras em prosa, depois de enumerar as de poesia: **Ressurreição, Histórias da meia noite, A mão e a luva, Memórias posthumas (sic) de Braz Cubas**, continuadas em **Quincas Borba, Historias sem data, Contos fluminenses, Dom Casmurro, Helena, e Relíquias da casa velha** – todos nessa ordem. Escrevi ao editor observando que a referência correta seria ao contrário, e a resposta que recebi dizia que o autor do verbete, Prof. E. Sarmiento, da Universidade de Cardiff, tinha confirmado sua opinião, indagando se eu não teria subestimado a poesia de Machado, e ele possivelmente subestimado os romances. Continuou dizendo que Machado

*(...) influenciado até certo ponto pelo Parnasianismo, sua inclinação pela reflexão filosófica, com tendência ao comentário humorístico, o aproximam do Modernismo hispano-americano, embora não se possa pensar em imitação. Seu ceticismo irônico encontrou expressão adequada em seus romances, mas é fraco na invenção de enredos, e freqüentemente interrompe a narrativa com passagens de reflexão filosófica.*

Vejam só como há de tudo no mundo!

Mas vamos devagar. O que acontece com Machado de Assis é que, ao se falar sobre ele, não se sabe bem por onde começar. Escreveu romances, contos, crônicas, peças de teatro, críticas literárias, granjeou em vida celebridade excepcional, tornou-se pólo de atração da intelectualidade brasileira, e, depois da fundação da Academia Brasileira de Letras, transformou-se em símbolo da nossa literatura. Hoje, decorridos cem anos, sua fama só tende a crescer, pois vêm surgindo, com freqüência cada vez maior, as traduções de sua obra, e as tiragens de seus livros no Brasil também atingem números cada vez mais altos.

Quanto à sua obra em prosa, de que logo mais vou poder abordar apenas alguns aspectos, creio que seria redundante entrar no coro dos elogios, que se generalizaram cada vez mais com o tempo. Pareceu-me que seria mais indicado falar um pouco das críticas, pois existem autores que se dedicaram a fazê-las. É uma coisa que causa estranheza, que é certamente ilógica. Alguns procuraram sistematicamente demonstrar que seus tão louvados estilo e criatividade não passam de um engodo, não deixando de fazer alguns elogios para demonstrar objetividade. Estes não conseguem, no entanto, atenuar a aspereza da crítica.

Naturalmente, é preciso distinguir entre os que estão realmente convencidos dos aspectos negativos que apontam em seus escritos, dos escritores menores – se é que se podem chamar de escritores que buscam projeção a custa de Machado. Vou

me limitar aos primeiros, dentre os quais destacarei apenas Silvio Romero e Agripino Grieco. Dos segundos não creio que valha a pena falar.

Começemos por Silvio Romero, que merece, é claro, respeito. Pode-se discordar de seus pontos de vista, mas ninguém pode contestar o valor do conjunto de sua obra, nem ignorar que se trata de um de nossos grandes espíritos, pesquisador estudioso e culto, com quem se pode aprender muita coisa. Mas tem na crítica um aspecto que a enfraquece: é veementemente apaixonado em suas posições, eivadas de radicalismo nacionalista, e de preconceitos raciais e de cor. Reconhece méritos em Machado, mas não hesita em atribuir os defeitos que aponta, ao menos em parte, à mulatice de Machado, que considera “um genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada”. No seu **Machado de Assis – estudo comparativo da literatura brasileira**, deixa de lado vários escritores importantes, como Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, ou José do Patrocínio, para limitar a comparação apenas a Machado e Tobias Barreto. Com todo respeito que inspira a vastidão de sua obra, tenho a impressão de que o objetivo mais evidente deste seu livro não é tanto criticar Machado, como demonstrar que Tobias Barreto lhe é superior. Parece-me que, se concordássemos com essa superioridade, Silvio Romero deixaria de lado as críticas a Machado, e reconheceria de bom grado que ele é o maior escritor brasileiro... depois de Tobias Barreto. Este permeia obsessivamente o livro, pois é evidente a obsessiva preferência que por ele tem Silvio Romero.

O outro crítico de Machado que merece consideração é Agripino Grieco. Também apaixonado em suas posições, mas menos que Silvio Romero, é muito mais ferino que ele, pois Romero critica violenta e desbragadamente, e Agripino sabe navegar na crítica, equilibrando-a com elogios que, aliás, em vários casos me parecem sinceros. É essencialmente espirituoso, e sabe disso, usando a ironia, e manejando com impressionante habilidade a sátira contrabalançada por reconhecimento a méritos. No entanto, na trilha de Oswald de Andrade, não hesita em sacrificar a própria opinião favorável em troca de boas *boutades*. Escreveu um livro em que não faz cerimônia para demonstrar o exagero que, ao ver dele, existe na admiração pública a Machado de Assis. Mas não cai nos extremos de Silvio Romero, e quando seu livro foi recebido com hostilidade por partidários incondicionais de Machado, escreveu novo livro – **Viagem em torno a Machado de Assis**, em que modera os arrebatamentos do primeiro, e se mostra muito mais admirador de Machado do que se poderia supor. Cita surpreendentes conceitos seus, é verdade que destacados do contexto, mas nem por isso menos expressivos, como, por exemplo: “Deixou 4 ou 5 das melhores poesias do Brasil” – “Deve ser mesmo o melhor contista da língua”; “Polidez literária que inúmeros brancos [veja-se o preconceito] poderiam invejar” – “Talento imenso”; “Nunca premeditação de plágio”; “Páginas compostas com a leveza de mãos dos judeus [novamente o preconceito...] que pesavam ouro em balanças muito sutis”; “A alma de Machado era nobilíssima”. “Não envelhece” – “Dos poucos no

Brasil que podem ser lidos na íntegra”, “**Missa do Galo** obra prima para uma antologia de contos universais”; “Cresceu artisticamente dia a dia”; “Pela vocação, pela cultura, pela produtividade, foi ele o maior homem de letras do Brasil”. Creio que basta, não é mesmo? Mas, na realidade, é o lobo com pele de carneiro... pois preconceitos raciais e outros não lhe faltam. Ainda assim, chega a dizer que “a esse vencedor não tem faltado as ‘batatas’ de muitos julgadores ineptos”. “Mesmo entre os não ineptos, pululam os exageros, e forçoso é reconhecer que, se Machado de Assis resuscitasse, ficaria assombrado com seus biógrafos e críticos”.

Quando se contrapõem as críticas, ineptas ou não à admiração geral de que a obra de Machado de Assis desfruta, creio que nós, que o admiramos, não devemos ficar encabulados por isso... É preciso reconhecer, no entanto, que a vida e as opiniões de Machado ainda contêm mistérios. Sobre a infância há muita lenda, mas pouco se sabe de realmente comprovado. Seu conceito da natureza humana, ou dos méritos ou deméritos dos seus personagens, varia de texto para texto. Em geral, apenas descreve ambientes, narra fatos, ou indica qualidades ou defeitos, mas não se fica sabendo o que efetivamente pensa. Quando, por exemplo, termina um de seus melhores contos, “A cartomante”, com o adultério punido pela morte dos amantes, não dá para saber se Machado concorda ou não com a reação do marido traído. Já a reação de Bentinho face à suposta (a meu ver real) traição de Capitu, que foi de não reagir, deixando o tempo correr, não se separando mas viajando com ela e Ezequiel para a Suíça, e de lá voltando sozinho, parece-me mais compatível com o que imagino que Machado teria feito em sua vida pessoal, do que se ele tivesse conduzido o enredo para uma solução violenta. Em todo caso, a posição por ele atribuída a Bentinho foi atípica para a época, pois a morte “em defesa da honra” era, e continuou sendo até há poucas décadas, a solução convencionalmente aceita pela sociedade para este tipo de problema. Pode até ser que Machado tivesse sabido da posição assumida por João Theodoro, presidente da província de São Paulo, na década de 70, quando, informado da infidelidade da esposa, procurou-a para dizer que: tendo se enganado quanto às suas virtudes conjugais, tinha resolvido separar-se, deixando-lhe a casa em que residiam. Mas, sendo grande admirador de seus dotes físicos, passaria a freqüentá-la. Como se vê, “há muito mais coisas no céu e na terra do que pensa a filosofia humana”, na expressão de Shakespeare que me parece adequada a este caso. Não se fica sabendo o que Machado realmente pensava a respeito.

Sempre achei atraente a figura de Capitu. Quanto a Bentinho, vejo-o como um homem bom, mas fraco, sem a força necessária para acompanhar o temperamento de Capitu, o que de certo modo deveria levá-la ao que aconteceu. Por sua vez, vale a pena, aliás, ler o livrinho de uma escritora cearense, Adísia Sã, **Capitu conta Capitu**.

Machado descreve admiravelmente situações e pessoas, dando ao leitor a sensação de estar dentro do ambiente em que vivem os personagens e em contato

com eles. Mas o julgamento a respeito deles, e de suas atitudes na vida, é coisa que Machado deixa ao leitor. Paira acima disso.

O estudo de seus textos prossegue incessantemente e é bem possível que alguém falando daqui a alguns anos, possa revelar novas surpresas. Por outro lado, tenho tido a curiosidade de ficar imaginando o que teria sido a obra de Machado se ele tivesse vindo depois de Freud, e tivesse sido analisado. Porque traumas da infância e complexos de inferioridade não lhe faltaram. É provável que ele os tenha de certa forma exorcisado através de seus livros, mas creio que um certo mistério persiste.

Não vamos divagar, no entanto, e falemos um pouco do teatro na obra de Machado. Estreou em 1861 com uma peça **Desencantos**, nome estranho, aliás, para um autor de 22 anos que no mesmo ano publicou a tradução de uma sátira francesa, de nome também estranho **Queda que as mulheres têm para os tolos**. Escreveu creio que 15 peças, algumas em prosa, outras em verso, bem construídas, mas fracas, e é forçoso confessar que, se só tivesse feito teatro, estaria longe de ter a fama que com seus livros justificadamente conquistou. É curioso que Agripino Grieco, no capítulo sobre teatro em seu livro **Viagem em tomo a Machado de Assis**, não faça referência a essa peça, e inicie sua crítica pelo **O caminho da porta**. Na realidade, Agripino não poderia ter encontrado material mais adequado para crítica, do que as peças que Machado escreveu e, diga-se de passagem, aproveitou bem essa oportunidade. Só que a maledicência transparece claramente quando se refere à peça **Tu, só tu, puro amor...** onde diz, para comprovar a pouca popularidade do teatro de Machado, que dessa peça, publicada em 1881, ainda existiam, segundo Galante de Souza, exemplares em 1893. Ora, trata-se de uma tiragem de apenas 100 exemplares, provavelmente fora de comércio, escrita para a comemoração do 3º centenário da morte de Camões, e se Machado não ofereceu todos os exemplares, deve ter sido por outros motivos, sem relação com a popularidade. Por outro lado, como Agripino habitualmente mordida e soprava, não deixou de fazer grande elogio ao diálogo “Antes da missa”. Dos 100 exemplares de **Tu, só tu, puro amor**, não resisto a dizer que possuo dois, dedicados respectivamente ao ator Furtado Coelho, que representou na peça, e a Joaquim Nabuco...

Antes de encerrar estas notas, parece-me que seria necessário dizer algumas palavras sobre as edições de Machado e suas publicações avulsas. A colaboração, em numerosos jornais e revistas do século XIX e princípios deste século, foi muito abundante, e muitas descobertas têm sido feitas no decorrer deste século por vários pesquisadores. Um dos mais destacados nestes últimos anos tem sido o professor John Gledson, da Universidade de Liverpool, precedido no Brasil por Raimundo de Magalhães e por inúmeros outros. Quanto às edições de suas obras, todas são brasileiras, mas boa parte foi impressa na França, por tipógrafos franceses, o que resultou em grande quantidade de erros, que as revisões no Brasil não conseguiram evitar. Nosso Machado foi muito maltratado...

A Casa de Ruy Barbosa, entretanto, graças ao zelo e a competência de Adriano Gama Cury, reparou essa falta, reimprimindo 17 volumes, dos 21 que a Garnier tinha publicado, com todos os erros corrigidos. Não creio que seja necessário entrar em detalhes das primeiras edições e das edições Garnier. Posteriormente, saiu a edição Jackson que incluiu muito material descoberto até 1930, mas ainda com muitos erros de impressão, que também se encontram na edição Aguilar. Mas agora dispomos da boa edição da Civilização Brasileira, assim como dos três primeiros volumes da coleção planejada pelo Ministério da Educação. São edições definitivas e todos esperamos que a coleção se complete. Hoje, no entanto, Machado de Assis é acessível em muitas outras edições populares e corretas. A dívida que o Brasil tinha com ele, no campo das edições, foi felizmente resgatada.